

# AUDIO VISUA LIDADES E AUTOFORMAÇÃO DOCENTE

**Rosane Tesch**

*R. Tesch*

# **AUDIOVISUALIDADES**

## **E AUTOFORMAÇÃO DOCENTE**

Rosane Tesch

**AUDIOVISUALIDADES E AUTOFORMAÇÃO DOCENTE**

*R. Tesch*

Rio de Janeiro

2018

## AUDIOVISUALIDADES E AUTOFORMAÇÃO DOCENTE

Texto original © 2017 por Rosane Tesch de Oliveira

Dissertação (Mestrado)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação

Edição: Rosane Tesch

Capa e diagramação: Ranah Tesch

Revisão: Regina Ferreira Alvarez

1ª edição

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971

T337 Tesch, Rosane.

Audiovisualidades e autoformação docente [recurso eletrônico]/ Rosane  
Tesch. – Rio de Janeiro : Edição do autor, 2018.  
Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-924578-0-8

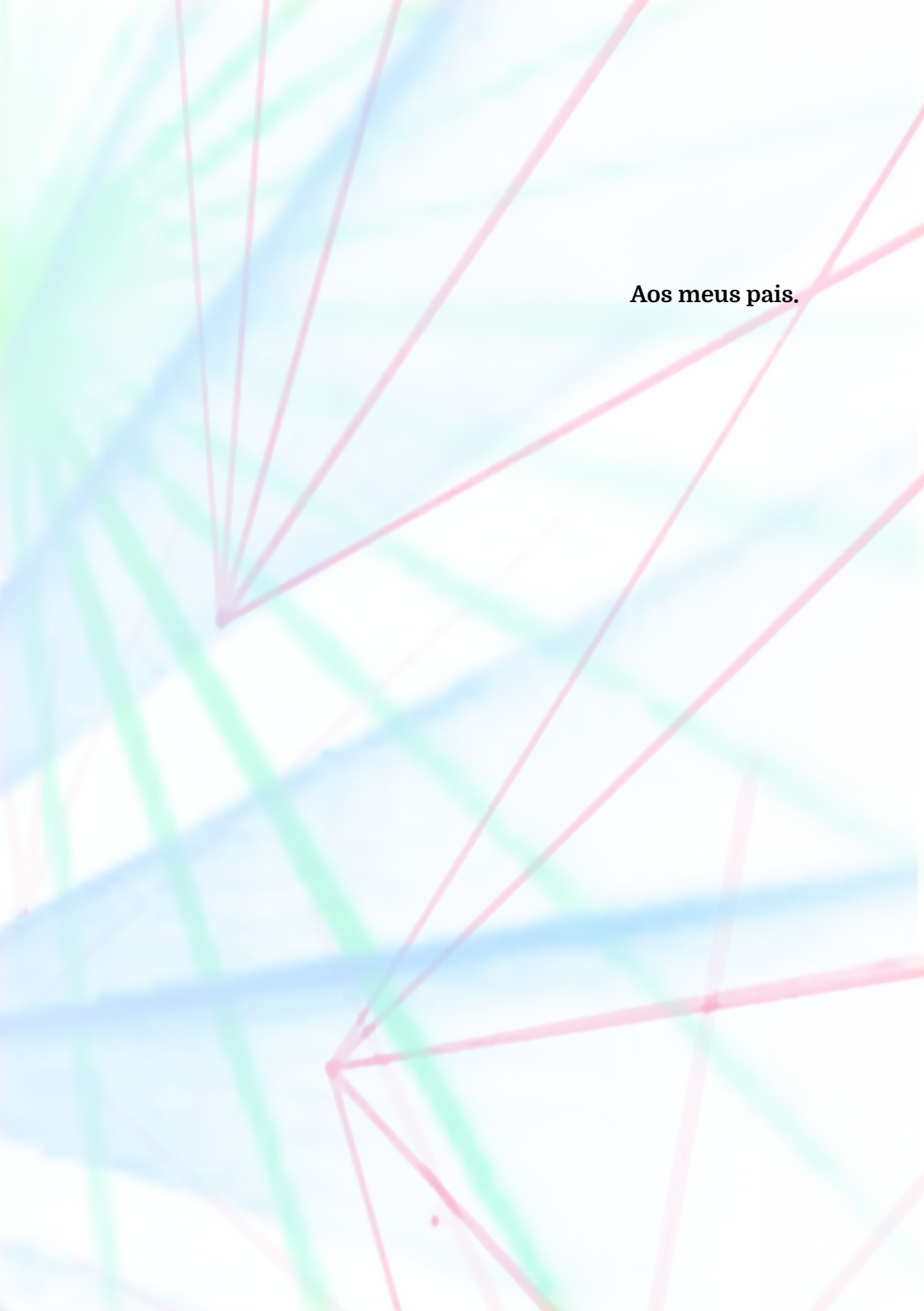
1. Formação de professores. 2. Recursos audiovisuais. 3. Educação. I.  
Título.

CDD 370.71

*Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução  
total ou parcial desta obra, desde que citada a fonte.*

**A autora**





**Aos meus pais.**

## AGRADECIMENTOS

À minha família, que sempre se reinventa para manter, ao mesmo tempo, os laços afetivos e a liberdade que precisamos para viver.

À Ana Paula, por ler as primeiras costuras textuais e pelo incentivo e “sacudida” nos momentos de baixa energia e cansaço que insistem em nos tomar quando empreendemos uma jornada que vai além dos imediatismos contemporâneos; e à minha irmã pela colaboração em algumas edições de vídeos durante o período da pesquisa que me possibilitaram dispor do tempo para outros movimentos.

À Docência, que me inspira cotidianamente.

À equipe com quem trabalho e/ou trabalhei, sobretudo, Edilane, Ana Lúcia, Claudia, Laís, Mariana, Júlia e Simone, pela colaboração, amizade, trocas sensíveis e pelo desejo de fazer da ludicidade uma prática de vida, e à Norma e Sonia pela compreensão e apoio.

Às crianças (pequenas incríveis) e ao pequeno notável Nicolas, que recarregam nossas energias, lembrando que a ludicidade está dentro de nós, embora, às vezes, pareça adormecida.

À Maria da Conceição Silva Soares, por me orientar nas escolhas do que deve ser mantido para dar conta do que pretendemos defender, e ao grupo de pesquisa com o qual compartilhei múltiplos modos de *serestar* no mundo, o que só reforça minha crença de que, quanto mais plural e heterogêneo, mais caro e envolvente ele se revela.

À Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro – SME, pelo financiamento na conclusão desta pesquisa, ao Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro – Anísio Teixeira e à Escola de Formação do Professor Carioca – Paulo Freire, pelos encontros, acolhidas e aportes críticos preciosos ao estudo, sobretudo, Malvina Fernandes da Silva Mendes, Cidália Gomes

da Cruz de Oliveira, Elaine dos Santos Amaral, Margareth Nogueira do Rosário, Nancy Pimentel Queyroi D’Anna, Claudio Marcio Ribeiro Maia, Jaime Pacheco, Cátia Cirlene Gomes de Oliveira, Luciana Bessa e Vinícius Farias, que participaram diretamente do processo formativo.

Sou grata à Siomara Borba por sua escuta atenta e à Inês Barbosa de Oliveira pela prontidão no processo de qualificação e pelo aceite para participar da banca examinadora, juntamente com Carlos Eduardo Ferraço e Edméa Santos, com quem aprendi muito sobre as pesquisas com os cotidianos cujos movimentos propostos por Nilda Alves me fizeram mergulhar em uma “forma humana” de fazer ciência. Sou grata, também, à Vanessa Maia e João Barreto pela disponibilidade no final dessa jornada.

As amizades que, embora privadas pelas ausências em prol dos momentos de silêncio para leituras e tessituras sem fim, me proporcionaram encontros outros que se transformavam em novo combustível para continuar a caminhada.

Por fim, sou grata à “tia” Ângela que, com seu modo singular de fazer, tempera sua *comidadelícia* com uma pitada bem generosa de carinho; ao “seu” Romário, que deixou a nossa portaria graças às mazes de uma política que tentamos incansavelmente renovar; e a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para que eu estivesse aqui escrevendo esses agradecimentos. Sinto que nos formamos em cada conversa, em cada encontro nos corredores, nas mesas postas para o café da manhã ou nos horários de almoço, entre tantos outros encontros e desencontros cotidianos.



[...] Tive que recorrer, queiram me compreender, sempre mais a pequenos prazeres, quase invisíveis, substitutos... Vocês não fazem ideia como, com esses detalhes, alguém se torna imenso, é incrível como se cresce.

*Certeau citando Gombrowicz*

## APRESENTAÇÃO

Tecer redes e compartilhar conhecimentos que contribuam com a autoformação e a formação docente, tendo como dispositivos as operações docentes com as audiovisuais nos cotidianos da Educação Infantil, foi a proposta da pesquisa que deu origem a este livro. A opção epistemológica e metodológica se insere nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos (ALVES, 2003), gerando os movimentos que tornaram visíveis, por meio dos registros de narrativas audiovisuais e de conversas e rodas de conversas, atos e acontecimentos efêmeros e fugidios que, em instantes-já (LISPECTOR, 1998), se transformam em passado no “aqui e agora” dos cotidianos. A dimensão estética da operatividade que traz, em seu rastro, uma ética e uma política para o pensar-fazer docente, foi se desenhando ao longo das interações/interatuações docentes e de outras pessoas participantes, produzindo novas formas de autoapresentação, autorrepresentação, novas percepções técnicas e estéticas e modos outros de *sentir* a educação.

A investigação partiu da compreensão de que estamos imersos em uma “tecnocultura audiovisual” (FISCHER, 2015) e que as imagens, as visualidades, as audiovisuais, têm sido atravessadas por um complexo processo comunicacional que em nada nos remete à função de espectadores ou de contempladores de outrora. A partir das primeiras observações e interações, ficou clara a importância de utilizar, além de outros métodos de pesquisa, imagens fotográficas e videográficas produzidas pelas próprias docentes no contexto vivenciado. Os vídeos capturam gestos, expressões faciais e corporais, ausências e presenças, que podem passar despercebidos, e faz emergir memórias, possibilitando que uma impressão seja resignificada nos muitos retornos que se pode fazer aos registros. Foi assim, que inúmeras vezes, sem nenhuma lógica linear ou homogeneizante, nos encontramos para conversar sobre registros videográficos capturados dentro das salas de aula, que quase sempre estão fechadas, e fora delas, nos corredores, em espaços externos, no refeitório, enfim, em qualquer espaço-tempo



encontrado, muitas vezes, ao acaso. Como é trazido em um capítulo do livro, nesse caminho, o inesperado pode aparecer e não se tenta neutralizar, minimizar ou suprimir as respostas imprevisíveis, as diferenças, os desajustes, os medos, as transgressões, as oscilações, os desentendimentos, as voltas e os retornos inesperados e sim buscar perguntas, mais que respostas, sobre como uma docência interatora, cujas práticas milenares são agora facilitadas pelos usos das novas tecnologias, praticam culturas, currículos, interações.

Muitas são as contribuições das docentes participantes desta pesquisa, assim como de todas as pessoas que colaboraram para que ela acontecesse em uma unidade pública de ensino. O compartilhamento das inúmeras práticas, que não podem, nem são desconectadas da teoria, é um convite para repensarmos os cotidianos das escolas em seus vieses múltiplos, coloridos e instigantes. O enfoque deste estudo está na Educação Infantil, mas espero que sirva como um dispositivo para pensarmos-praticarmos a ludicidade em qualquer espaço-tempo da educação.

**Rosane Tesch**

(autora)

## PREFÁCIO

Nas sociedades contemporâneas, experimentamos, como sugere Kilpp (2012), uma audiovisualização das culturas sem precedentes. Vivemos, aprendemos, trabalhamos, nos relacionamos, nos imaginamos, nos narramos e nos constituímos em meio a uma ecologia comunicacional configurada, principalmente, por imagens e sons tecnicamente produzidos (FLUSSER, 2002) e disseminados em uma convergência de telas (RINCÓN, 2013) constituída por diferentes mídias, analógicas e digitais, fixas e móveis. Habitamos espaços-tempos que nos convocam a produzir, usar, interpretar, compartilhar, mixar, comentar, fabular e pensar com narrativas audiovisuais híbridas e transmidiáticas. Enfim, nos tornamos, simultaneamente, público e produtores, emissores e receptores de audiovisuais, ou seja, somos todos praticantes (CERTEAU, 1994) das audiovisualidades que formamos e que nos formam, produzindo com esses usos sempre diferença em relação aos modelos hegemônicos de referência e aos manuais com instruções para usuários indicados pelas indústrias e pelos mercados. Com e apesar desses agenciamentos nos inventamos e instituímos mundos possíveis em meio a narrativas audiovisuais em uma combinatória de prazer, vigilância, voyeurismo, criação e ativismo.

A audiovisualização das culturas, especialmente no que diz respeito à presença de narrativas televisivas e cinematográficas em nossas vidas cotidianas não é recente. Também não é novidade o modo pelo qual elas desorganizam e reorganizam as práticas culturais, se constituindo, simultaneamente, em um desafio e em novas possibilidades para a educação. De acordo com Martín-Barbero (2000), em toda a América Latina as majorias se incorporaram à modernidade não sob o domínio do livro, mas a partir dos discursos, dos saberes e das linguagens da experiência audiovisual, produzindo, ao longo do tempo, novos regimes de sentir e de saber.

Na contingência do barateamento e da facilidade operacional dos aparelhos de produção e veiculação de audiovisuais, nos deparamos, a cada dia, com a disseminação, em uma quantidade sempre crescente, de imagens e de sons criados e/ou remixados por não profissionais da informação, da arte e do entretenimento



e distribuídos por outras vias que não apenas os já considerados tradicionais meios de comunicação de massa.

Os aparelhos produtores e os meios distribuidores de sons e imagens estão mais acessíveis à população e entram todos os dias nas escolas, sem pedir licença, nas mochilas, nos bolsos, nas mãos, enfim, colados aos corpos de alunos, de professores e de todos aqueles que por lá circulam ou trabalham. Nessa ambiência audiovisual em que é preciso ver, mostrar e fazer ver para existir, novas relações de poder, saber e prazer engendram efeitos de realidade e regimes de verdade atrelados às imagens (BRUNO, 2010) e às sonoridades que com elas compõem as narrativas de nossa cotidianidade. As subjetividades, da mesma forma, encontram-se cada vez investidas nos processos do ver e do ser visto.

As narrativas audiovisuais criadas pelos praticantes das audiovisualidades contemporâneas, entre eles alunos e professores de diferentes níveis de ensino, articulam-se às produções da indústria cultural e são produzidas em computadores ou por meio de aplicativos de celulares, com ou sem o uso de imagens e sons capturados diretamente por uma câmera ou um microfone (como, por exemplo, com imagens e sons – vozes, músicas, trilhas e efeitos sonoros – disponíveis em sites e em bancos de dados ou os que circulam livremente nas redes), os quais são recombinações e remixados para contar novas histórias. Esses audiovisuais assim fabricados são postados e acessados através da internet, bem como, algumas vezes, são levados de um lado para o outro em pen drives e DVDs. Isso vem corroborar com a perspectiva que a disputa em torno dos sentidos produzidos e dos agenciamentos engendrados com os diferentes usos do audiovisual se trava no seio do dispositivo.

A presença de câmeras por toda parte, entretanto, mais do que documentar o real, em tempo real, possibilita àqueles que produzem e consomem audiovisuais dramatizar a vida cotidiana, tensionar o previsível, ficcionar sobre si e sobre sua relação com o mundo, imaginando, fabulando e experimentando performativamente novas possibilidades de criar ética e esteticamente suas existências. As narrativas audiovisuais exibidas cotidianamente nas

diferentes telas compõem as escritas superficiais, híbridas, efêmeras e sensíveis do mundo e de cada pessoa ou grupo social, com as quais experimentamos, compomos e compartilhamos o presente.

Enquanto os profissionais da indústria audiovisual realizam grandes produções para contar histórias excepcionais ou documentam eventos considerados extraordinários, os produtores não profissionais e anônimos de audiovisuais, por sua vez, filmam, principalmente, as situações do dia a dia, as tramas da vida ordinária que estão no cerne da constituição do social (CERTEAU, 1994). Gravam seus amigos, familiares, vizinhos e colegas de escola e de trabalho em meio às suas rotinas domésticas, às tarefas diárias e aos pequenos prazeres. As narrativas do vivido/imaginado assim produzidas se voltam para as banalidades, as bizarrices, as obrigações, as pequenas conquistas, o miudinho, a ironia, o burburinho das ruas, dos lares, das escolas, das empresas. As narrativas audiovisuais produzidas pelos praticantes da cultura narram o cotidiano e inventam um presente co-criado.

No grupo de pesquisa certificado pelo CNPq que coordeno, e do qual a autora desse trabalho Rosane Tesch de Oliveira faz parte, “Currículos, Narrativas Audiovisuais e Diferença”, vinculado à Faculdade de Educação e ao Programa de Pós-Graduação em Educação/PROPED da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, defendemos o uso do audiovisual como dispositivo de pesquisa e de intervenção em práticas pedagógicas nos cotidianos das escolas, das redes educativas e dos diferentes contextos de formação de professores. O que objetivamos é uma educação implicada com a criação de éticas-estéticas de existência não codificadas e/ou não moduladas pelo biopoder e com a participação de todos, o que constitui uma das formas de emancipação e participação política na contemporaneidade. Nessa perspectiva, a noção de intervenção que inferimos com Kastrup (2007) refere-se à perturbação, rachadura ou abalo produzido no fluxo cognitivo, e que é essencial para a invenção de problemas, para a invenção de subjetividades, para a invenção de mundos.

Para pensar o modo como o audiovisual vem operando em nossas pesquisas nos/com os cotidianos das redes educativas tecidas dentro-fora das escolas como dispositivo de pesquisa e in-

tervenção, partimos da noção de dispositivo em Foucault (1986), que afirma que os dispositivos estão totalmente implicados na constituição/fabricação dos sujeitos, seja por meio do assujeitamento destes às suas tramas de saberes e poderes, seja por meio da participação ativa das pessoas nos seus próprios processos de subjetivação. O termo dispositivo indica, para esse autor, um conjunto de práticas de saber, poder e subjetivação, e tem um sentido e uma função metodológica.

Para enxergar o que os sujeitos praticantes das escolas e das redes educativas criam com os usos que fazem das audiovisuais é preciso afinar o olhar e ver os desvios operados com as práticas e informados por outros desejos e interesses que os que se tornaram hegemônicos pelos administradores da política, do capital e do mercado globalizado. Para nós, o audiovisual como dispositivo para a pesquisa-intervenção nos/com os cotidianos das redes educativas opera como um disparador/desencadeador de sentimentos, sensações, significações e experiências estéticas partilháveis que, problematizados em rodas de conversas e/ou no entrelaçamento com diferentes redes de saberes-fazer, tanto nos espaços-tempos da recepção como da produção, engendra a negociação de sentidos em relação ao que nos toca, ao que nos afeta, ao que nos agencia, ao que nos constitui. Praticar as audiovisuais em contextos educativos possibilita questionar modelizações e engendrar outros modos de conhecer e de se constituir.

Assim entendendo, convido à leitura do trabalho de Rosane, no qual a autora se ocupa da tessitura e do compartilhamento de conhecimentos que contribuem com a autoformação e a formação docente tendo como dispositivo as operações docentes com as audiovisuais nos cotidianos da Educação Infantil. O texto apresenta alguns dos modos pelos quais foi possível capturar, registrar e discutir, coletivamente, práticas docentes que apontaram para a potência nos usos dos recursos tecnológicos e audiovisuais, sobretudo dos registros videográficos com dispositivos móveis, como o Smartphone, como possibilidade para análise, compreensão, reelaboração e intervenção sobre as próprias práticas, visto que ainda não há outro dispositivo que permita que nos vejamos em atividade. Além dos dados produzidos com os cotidianos de

uma escola, ela nos traz uma importante e densa discussão teórica e indica que os usos das audiovisuais na educação abrem caminho para a docência como investigadora e agente de transformação de suas práticas.

Que a leitura proporcione a todos deslocamentos, encontros, provocações e novas possibilidades de pensamentos e ações para uma educação ética-estética-política em tempos de audiovisualização das culturas.

**Maria da Conceição Silva Soares**

Professora Doutora da Faculdade de Educação e do  
Programa de Pós-graduação em Educação da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

# SUMÁRIO

## INTRODUÇÃO:

|                                                                |    |
|----------------------------------------------------------------|----|
| COSTURANDO IDEIAS PARA PRODUZIR UMA PESQUISA EM EDUCAÇÃO ..... | 19 |
|----------------------------------------------------------------|----|

## I

|                                                                 |    |
|-----------------------------------------------------------------|----|
| A PESQUISA E AS INTENÇÕES METODOLÓGICAS E EPISTEMOLÓGICAS ..... | 27 |
|-----------------------------------------------------------------|----|

Movimentos nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos.. 28

Apresentando a pesquisa com as audiovisualidades..... 29

Os métodos e a potência do registro videográfico em uma pesquisa com os cotidianos..... 31

## II

|                                                               |    |
|---------------------------------------------------------------|----|
| AUDIOVISUALIDADES, EDUCAÇÃO E DOCÊNCIAS NO/DO SÉCULO XXI..... | 35 |
|---------------------------------------------------------------|----|

Que usos temos feito do cinema e/ou filmes cinematográficos *dentrofora* da sala escura e da sala de aula..... 36

Apontamentos sobre audiovisual e audiovisualidades .... 39

Interatores: espectadores do novo século ..... 43

Uma docência interatora ..... 45

## III

|                                       |    |
|---------------------------------------|----|
| DOCÊNCIAS EM FORMAÇÃO PERMANENTE..... | 50 |
|---------------------------------------|----|

Mensagens na tela da cesta ..... 51

Audiovisualidades: usamos mais do que pensamos? ..... 56

Docências na Educação Infantil ..... 58

Formações continuadas ..... 61



|                                                               |    |
|---------------------------------------------------------------|----|
| Documentos norteadores para uma formação continuada.....      | 61 |
| Jornadas Pedagógicas como eventos de capacitação docente..... | 65 |
| Planejamentos e “letramento digital” .....                    | 67 |

#### IV

|                                             |    |
|---------------------------------------------|----|
| OPERATIVIDADE EM CAMPO .....                | 69 |
| Linguagens operativas .....                 | 70 |
| Movimentos <i>inventivoscriativos</i> ..... | 73 |
| Experiência estética e cotidianos .....     | 75 |

#### V

|                                                                          |    |
|--------------------------------------------------------------------------|----|
| PEDINDO LICENÇA PARA OUVIR E VER O QUE ME/NOS OLHA.....                  | 80 |
| Um dado de “realidade” ou de ficção? YouTube como “banco de dados” ..... | 82 |
| Isto não é uma caixa: o que um vídeo nos dá a ver? .....                 | 87 |
| Corpos físicosvirtuais e “as coisas acontecendo no contínuo” .....       | 91 |

#### VI

|                                                                      |     |
|----------------------------------------------------------------------|-----|
| OLHARES DESVIANTES E/EM PRÁTICAS DE UMA “SINGULARIDADE PLURAL” ..... | 98  |
| <i>Selfies</i> como autoapresentação e autorrepresentação.....       | 99  |
| Samba-lelê: uma memória fílmica .....                                | 102 |

#### VII

|                                                   |     |
|---------------------------------------------------|-----|
| (AUDIO)VISUALIDADES, CORPO E PRESENÇA .....       | 108 |
| Ubuntu! Sou quem sou porque somos todos nós ..... | 110 |

## **VIII**

### **DESONERANDO O CINEMA: FORMAÇÃO COM O COLETIVO E O COLETIVO COMO FORMAÇÃO NOS/DOS/COM OS COTIDIANOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL ..... 117**

**Cinepipocadelícia .....119**

**Cidades dos homens: uma roda de conversas ..... 124**

**Cinepipocadelícia “pra gente grande” ..... 126**

**A Coroa do Imperador: a roda da roda de conversas ..... 130**

**Cinema “feito em casa”: cinegrafias em formação .....133**

## **IX**

**COMPARTILHANDO PRÁTICAS MEMÓRIAS EM REDES ..... 135**

**CONCLUINDO... .....139**

**REFERÊNCIAS .....142**

## INTRODUÇÃO:

### COSTURANDO IDEIAS PARA PRODUZIR UMA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

A docência é um “campo minado”, **só com muita “astúcia milenar” e variadas “táticas”** (CERTEAU, 1998) podemos ou conseguimos atravessá-lo, indo e voltando quantas vezes forem necessárias às nossas *práticas teóricas* práticas.

Vou começar desconstruindo uma máxima do *Marketing* e da criação publicitária, que diz para nunca iniciarmos uma narrativa com a palavra “não”, já que ela pressupõe uma negativa que é o oposto do objetivo da propaganda: convencer-nos de que o que está sendo oferecido é bom e que devemos comprá-lo sem pensar/refletir sobre seus prós e contras. Então, para fazer jus a minha premissa, não começarei o texto falando sobre educação, pois como foi descrito, de forma breve e direta, em uma das conversas que deram início a esta pesquisa, a educação – e, com ela, a docência e a prática docente – é um “campo minado”, ao que eu completaria, usando algumas palavras de Certeau (1998, p. 91), só com muita “astúcia milenar” e variadas “táticas”, podemos ou conseguimos atravessá-lo, indo e voltando quantas vezes forem necessárias às nossas *prácticasteoriaspráticas*<sup>1</sup>. Busco, então, em algumas memórias, o que me fez pensar a pesquisa a partir dos referenciais que serão apresentados ao longo do texto (e das imagens, dos instantâneos dos vídeos, filmes etc.).

Lembro-me de um dia, quando ainda era criança, em que meu pai chegou com um projetor de filmes Super-8<sup>2</sup> em casa – ele gostava de guardar quinquilharias – até então, nem tudo podia ser chamado de antiguidade, que é como quem gosta de capitalizar memórias se refere a elas. Claro que foi uma festa, para mim e minha irmã, ao mesmo tempo, em que provocou um estranhamento manipular aquele objeto que projetava imagens na parede. É claro, também, que aquele projetor, no meio da sala, não foi um objeto de consenso na minha casa, mas, naquele momento, o que impor-

---

1 Palavras como *prácticasteoriaspráticas*, *pensarpraticar*, *espaçotempo*, justapostas em itálico, surgiram nos estudos com os cotidianos para superar dicotomias caras à ciência moderna (OLIVEIRA; ALVES, 2006).

2 Formato cinematográfico, “o super-8 (ou 8 mm), reservado ao registro doméstico, vai, nos anos 70, criar um cinema individual e subjetivo, que transforma o consumo de imagens domésticas num movimento de resistência e criação” (BENTES, 2003, p. 115).

tava realmente era que ele despertava curiosidade, encantamento e inúmeras possibilidades de pensar e ver diferente, mesmo dentro das limitações impostas pelo número reduzido de imagens que podíamos projetar, pois, em princípio, apenas um “vídeo de família” estava disponível para explorarmos.

Ao contrário de meu pai, minha mãe dizia detestar quinquilharias e sempre se punha a tentar livrar-se delas. Criava modelos de roupas e costurava como profissão; gostava de fazer pinturas em tecidos ou óleo sobre tela e artesanato, sempre tentando (re)produzir nos tecidos, nas telas e nos objetos um “q” de perfeição, de traço reto, de mão firme, de imagens realistas, que nem sempre pareciam tão próximas de nós quanto as quinquilharias que explorávamos em meio à rotina do dia a dia. E assim foram produzindo-se mútuos afetos e efeitos, alguns invisíveis, perdidos nos cotidianos, outros nem tanto.

Ainda sobre minhas experiências com o audiovisual, e ainda criança, lembro dos meus pais levando-nos ao cinema pela primeira vez. Íamos assistir a um filme infantil, mas, quando chegamos, o filme em cartaz não era mais o que eles pensavam. Para que não perdêssemos o que realmente importava no passeio, entramos e assistimos a um mar que quase atravessava a tela, enquanto surfistas realizavam manobras radicais em altas ondas, ensurdecedoras, que iam e vinham entremeadas por pequenos momentos; é o que me lembro: de visualização da areia. Se fosse surfista, certamente teria aprendido algumas daquelas manobras radicais... O que ficou? Uma experiência mágica que nunca esqueci. E é por esse e outros momentos que quando leio sobre a perda da “aura” na era da reprodutibilidade técnica (BENJAMIN, 1994, p. 169), sempre penso como as experiências de ir ao cinema, assistir a um filme na TV ou no celular, por exemplo, podem se tocar, ou melhor, nos tocar, nos

passar, nos acontecer (LARROSA, 2002).

Penso isso, sem nenhum saudosismo, embora as memórias sempre tragam uma sensação de um tempo que é nosso, mas não está sob nosso domínio. Sinto que o que me move é uma feliz inquietação: a de saber que, embora haja inúmeras teses e discussões que confirmem um possível sucesso da dimensão ideológica de um poder e de um olhar hegemônicos que alicerçam o “projeto de modernidade”, “inventando um outro” (CASTRO-GÓMEZ, 2005, p. 169) a ser submetido e controlado por meio do conhecimento, esse outro, que também pode ser eu (nós), é capaz de se mover, criar, produzir novos caminhos, desviando-se, inclusive, de situações de violência que são impostas por normas propostas para invisibilizar o que é considerado “diferente”. Penso que qualquer forma de poder que tente controlar o todo e a todos se depara, não apenas com uma incapacidade própria desse impossível e improvável controle, mas também e, principalmente, com um “todo(s)” que não se permite aprisionar sem alguma resistência, visível ou invisível, engendrada nos pequenos, às vezes mínimos ou microscópicos, movimentos na vida cotidiana (CERTEAU, 1998).

Em 2010, após terminar uma monografia, intitulada “Arte em rede: ambiente de exposição, crítica e contemplação” sobre os usos da rede social *Flickr* por fotógrafos amadores que, entre outras ações, se organizavam virtualmente para promover encontros que se transformavam em exposições fotográficas fora das redes virtuais, pude realizar algumas atividades no “Pontão de Cultura”<sup>3</sup>, da Escola de Comunicação da UFRJ, incluindo a produção de um curta documentário intitulado “Meu Compadre Zé” – em que

---

3 O Pontão de Cultura Digital da ECO/UFRJ, implantado em janeiro de 2009, consiste em um laboratório de software livre e tem como base o Centro de Produção Multimídia (CPM), da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECoUFRJ).

vozes de moradores de Padre Miguel tornaram visíveis um homem comum e suas, já lendárias, peripécias pelo bairro – ao mesmo tempo em que iniciava a docência na rede municipal da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Imersa nestes *espaçotempos* tão enredados e tão complexos em sua diversidade, não me faltaram questionamentos sobre os usos e a produção de filmes/vídeos/fotografias, fossem eles considerados ou pensados a partir de um enfoque pedagógico, ou especificamente didático, fossem a partir de uma suposta ou real liberdade de fruição estética. As respostas possíveis trazidas até aqui não são poucas e as perguntas, essas se multiplicaram. Mas enveredar apenas por um caminho próprio, parece-me, não daria conta das possibilidades que um mergulho nos modos de *pensarfazer* docentes sobre si e a educação, em rede, com todos os seus atravessamentos, presenças, ausências, singularidades e “operações” (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2013, p. 339) pode indicar.

Foi com essas e (muitas) outras questões que desenvolvi este estudo, como integrante do grupo de pesquisa Currículos, Narrativas Audiovisuais e Diferença (CUNADI), da linha de pesquisa Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais, do ProPEd/UERJ, sob a orientação da Professora Doutora Maria da Conceição Silva Soares, com o objetivo de *capturarregistrar* as operações docentes com as audiovisualidades em uma dimensão estética que traz, em seu rastro, uma ética e uma polêmica/política para nossas *práticas-teoriaspráticas* cotidianas.

As operações das pessoas praticantes dos cotidianos da Educação Infantil, sejam elas adultas ou crianças, mostram o quanto é importante mobilizar discussões, sobretudo no campo da autoformação e formação docente *dentrofora* dos *espaçotempos* escolares, sobre questões tratadas em algumas políticas públicas como fora do contexto escolar. Embora haja muitas controvérsias



sobre essas questões, não se pretende, aqui, debater as políticas em si nem emitir considerações sobre o que cabe ou não às políticas de Estado, e sim, compartilhar os dados produzidos ao longo da pesquisa que visibilizam temas e operações que são prementes no contexto escolar independente das tentativas de excluí-los ou negligenciá-los.

Para narrar a pesquisa e a captura dos acontecimentos, dividi as imagens-textos em momentos que não se deram de forma linear, como é próprio das idas e vindas dos cotidianos. A sequência numérica que sugere a divisão em nove partes ou capítulos é uma mera forma de atribuir uma organização que facilite a leitura. Então, para “construir o trabalho coletivo, assumindo a relevância da diferença, da autonomia e autoria dos sujeitos e do grupo” (OLIVEIRA, 2007, p. 118), no primeiro momento, intitulado “A Pesquisa e as Intenções Metodológicas e Epistemológicas” apresento a pesquisa, expondo os objetivos, a justificativa e a metodologia a partir da opção por “mergulhar” nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos e da intenção de dar visibilidade às operações docentes com as audiovisuais que já fazem parte dos cotidianos escolares, apesar das discussões sobre a utilização ou não das novas tecnologias no segmento da Educação Infantil.

No segundo momento, “Audiovisualidades, Educação e Docências no/do Século XXI”, novos conceitos sobre audiovisual/audiovisualidades e docências contribuem com algumas mudanças de paradigmas na comunicação e que são trazidos para o processo de pesquisa em uma perspectiva sociocultural e histórica. O conceito de audiovisualidades na atualidade inclui o cinema e a narrativa fílmica, mas não se encerra neles, enquanto o de docência passeia por noções que entrelaçam mundos *físicos/virtuais*.

O terceiro momento traz apontamentos sobre “Docências em Formação Permanente”, incluindo algumas diretrizes da rede pública de educação da cidade do Rio de Janeiro, e sobre os usos das tecnologias digitais, sobretudo de dispositivos móveis e da conexão em rede que explora as múltiplas “visões” sobre uma mesma situação que se entrecruzam nos cotidianos, alternando movimentos de afeto e de controle *dentrofora* das escolas. Aqui também começamos a *pensarpraticar* o quanto estamos imersos em uma tecnocultura audiovisual nos cotidianos da Educação Infantil.

“Operatividade em Campo”, quarto momento de organização da pesquisa, considera a operatividade docente com as audiovisuais em suas dimensões éticas, polêmicas/políticas e estéticas nos/com os cotidianos. As linguagens operativas e os movimentos *inventivoscriativos* entram em campo com as operações em um fluxo experiencial que move e alimenta a vida subjetiva de cada um de nós.

No quinto momento, “Pedindo Licença para Ouvir e Ver o que me/nos Olha”, são realizados movimentos de pausas, escutas, rememorações, que revelam trocas sensíveis cujo caráter formador e autoformador se dão em conjunto com os usos das audiovisuais. A conjugação de métodos/instrumentos que dê conta de capturar a complexidade das pesquisas nos/dos/com os cotidianos também se apresenta nesse momento do estudo em que conversas, registros em áudio, registros videográficos produzem “cisões” do que nos olha naquilo que vemos.

As *selfies* e as rodinhas de música na Educação Infantil, que surgem como “desvios” dos caminhos da pesquisa, contribuindo com a formação docente a partir das imagens das escolas fabuladas pelas crianças estão no sexto momento, “Olhares Desviantes e/

em Práticas de uma ‘Singularidade Plural’”, enquanto as experiências com o corpo e o sensível, sétimo momento intitulado “(Audio) visualidades, Corpo e Presença”, mostram como o planejamento, mesmo sendo considerado imprescindível, não dá conta de prever os acontecimentos, o que irá nos passar no “aqui e agora” do momento mesmo de sua execução nem o que ficará como experiência e memória para as pessoas em interação.

No oitavo momento, “Desonerando o Cinema: Formação com o Coletivo e o Coletivo como Formação nos/dos/com os Cotidianos da Educação Infantil”, o cinema “montado” e “desmontado” em sua concepção já considerada “tradicional” traz à luz uma docência interatora, cujas conversas e operações dão forma e formam essa mesma docência nos/dos/com os cotidianos da Unidade Escolar. E os resultados dessa formação permanente são compartilhados em rede, sobretudo no Facebook, como trago no nono momento intitulado “Compartilhando *PráticasMemórias* em Rede”, para dar um ponto final necessário à esta pesquisa.

Sem a pretensão de esgotar o tema aqui proposto para a pesquisa, concluo (com reticências), apontando algumas das apropriações que nós, *docentesdiscentespesquisadoras*, fizemos com os usos das audiovisuais nos cotidianos da Unidade Escolar pesquisada enquanto processo de autoformação e formação permanente.

# I

## A PESQUISA E AS INTENÇÕES METODOLÓGICAS E EPISTEMOLÓGICAS

Pesquisar com os cotidianos e assumir-se como tema de investigação é uma questão política e epistemológica.

*Ferraço e Soares*

## Movimentos nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos

Entendo que pesquisar nos/dos/com os cotidianos e assumir-se como tema de investigação é uma questão política e epistemológica, como compartilham Ferraço (2003) e Soares (2009). Entendo, também, que os cotidianos, longe da simplicidade que as expressões “banalidade” e “rotina” sugerem, são complexos e surpreendentes, desestabilizadores e motivadores, sujeitos a “raios e trovões” e, claro, a momentos únicos que a sensibilidade e a sutileza podem tornar “visíveis”. Assim, no intuito de conquistar esses momentos que vão além da visibilidade prescrita em uma ciência moderna que delimita e dicotomiza sujeitos e objetos, espaços e tempos científicos, compartilho da intenção de realizar os movimentos que caracterizam os “processos necessários para o desenvolvimento das pesquisas nos/dos/com os cotidianos” (ALVES, 2003, p. 3).

No primeiro movimento, *sentimento de mundo*, Alves (2003) nos propõe ir além do que foi aprendido com estas “particularidades e abstrações da modernidade”, que colocam a visão como sentido privilegiado, e “executar um mergulho com todos os sentidos no que desejamos estudar” (p. 3). O que a mim parece ratificar nossa intenção de manter o rigor científico sem, contudo, deixar de buscar todas as camadas de histórias que se inscrevem umas sobre as outras nas tramas tecidas nos/dos/com os cotidianos. No segundo, é necessário *virar de ponta cabeça* para que possamos, também, ir além de limites impostos pela prescrição com o apoio de um conjunto de “teorias, categorias, conceitos e noções” (ALVES, 2003, p. 3), que podem nos manter presos ao lugar das ciências criadas e desenvolvidas na chamada moderni-

dade; trata-se de *aprenderensinar* também com as práticas e não só com as teorias. O terceiro movimento, *beber em todas as fontes*, traz como proposta, a utilização de fontes variadas, incluindo a produção de “praticantes” dos cotidianos (CERTEAU, 1998, p. 45) em toda sua diversidade, heterogeneidade e diferenças, bem como *saberesfazeres* e modos de conhecer produzidos em múltiplos contextos. O quarto, como o próprio título poetisa, é preciso *narrar a vida e literaturizar a ciência* para trazer à ciência não apenas a ficção, mas buscar na literatura, a base de uma escrita científica capaz de fazer ver/ouvir/sentir/tocar pessoas várias, o que uma escrita pretensamente neutra, imparcial e isenta não seria capaz de traduzir, e que estão por aí, vivas, soltas, livres, fragmentadas, visibilizadas por uns e invisibilizadas por outros, até porque uma pessoa não ser vista por uma determinada perspectiva não significa necessariamente não ser vista. Para finalizar, o quinto movimento, incluído posteriormente por Alves (2003), advém da percepção de que faltava trabalhar os sentimentos de mundo das pessoas *praticantes* desses cotidianos e não apenas de quem estava mergulhando nos cotidianos com a pesquisa. Para tanto, o movimento foi chamado *Ecce Femina*, “mais apropriado aos cotidianos de nossas escolas” (ALVES, 2003, p. 6), nesse caso, uma referência à frequência maciça de mulheres atuando na Educação Básica, mas que traz, em sua compreensão, o respeito ao sentimento de todas as pessoas praticantes dos cotidianos.



**Gostou do livro?**

**[Clique aqui](#) e compre o seu!**